

Sarney e PFL ignoram discurso de estréia

BRASÍLIA – Ramez Tebet fez o discurso de posse na presidência do Senado para um plenário esvaziado. Assim que começou a falar, às 16h30, o PFL não disfarçou o mal-estar. Os cardeais do partido levantaram-se e deixaram o plenário, acompanhados pelo senador José Sarney (PMDB-AP).

Num exemplo de espírito democrático que os outros derrotados não tiveram, só o vice-presidente Edison Lobão (PFL-MA), manteve-se firme, como o fez o bloco de oposição, que também negara voto a Tebet.

“Quem iria imaginar que um dia o PFL se retiraria do plenário em protesto contra alguma coisa”, desdenhou o senador Pedro Simon (PMDB-RS). Os pefelistas não assistiram a uma situação descrita como “vexató-

ria” por boa parte do plenário que ouviu atenta o novo presidente da Casa.

Apesar do tom conciliador, o discurso de Tebet foi considerado provinciano por alguns senadores, que se encolheram nas poltronas, assim que ele encenou um sinal da cruz e passou aos improvisos. “Brasil, aqui está um filho seu que não vai decepçioná-lo, que tem espírito cívico, espírito de brasilidade”, bradou, para dar início aos elogios à “Pátria maravilhosa, que não tem terremotos nem vulcão”.

Aquela altura, ele havia acabado de conclamar o plenário a trocar a intolerância pela harmonia, e as “inócuas disputas sociais” pelo interesse público. Preocupado com o gestual e com o tom cada vez mais alto, o líder do PT, José Eduardo Dutra (SE), não se conteve: “Pelo amor de Deus,

este homem tem de parar.”

Não parou. Prosseguiu proclamando sua fé em Deus e em cada senador, e agradecendo àqueles que, como Dutra, não votaram nele: “Recebo os votos em branco como se dissessem que queremos paz nesta Casa, como mensagem de harmonia”. E voltou a festejar a Pátria: “As diferenças aqui não são insuportáveis e esta é uma terra da esperança.”

“Eu estou com vergonha”, disse o senador Pedro Piva. O líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES), preocupou-se. “Foi um discurso de presidente de Câmara de Vereador, sem contato com a agenda do País e de quem demonstra não ter a dimensão da cadeira que acaba de se sentar”, avaliou Hartung. “Não votei nele, mas precisamos ajudá-lo a encontra o rumo.” (C.S.)